

# OS *DOLIA* DA ANTIGUIDADE TARDIA DO CASTRO DE GUIFÕES (MATOSINHOS)

**Andreia Arezes**

FLUP – CITCEM – UP

aarezes@letras.up.pt

## **ABSTRACT**

This text aims to present a group of ceramics belonging to large containers for conservation or storage, conventionally known as *dolia*. Recovered during the first excavation campaign carried out under a research project in Archaeology (PIPA), named GUIFARQ - Guifões Archaeological Research Project, they come from four distinct stratigraphic units framed in the Late Antiquity. The defining features of the multiple fragments exhumed, belonging to different vessels, and the contextual relationship attested with other materials, with well-defined chronologies, will be explored to understand aspects related to the dynamics of occupation of the Castro in that period. In parallel, interpretative proposals will also be put forward for the documented occurrences in the light of the new contextualized data and the comparison with other similar material previously recovered.

**Keywords:** *dolia*; Late Antiquity; Castro de Guifões; GUIFARQ Project.

## **RESUMO**

Este texto pretende dar a conhecer um conjunto de cerâmicas pertencentes a grandes contentores destinados à conservação ou armazenamento, convencionalmente designados como *dolia*. Recolhidos na primeira campanha de escavação realizada ao abrigo do PIPA GUIFARQ – Projecto de Investigação Arqueológica de Guifões, procedem de quatro unidades estratigráficas distintas, enquadráveis na Antiguidade Tardia. As características definidoras dos múltiplos fragmentos exumados, pertencentes a diferentes recipientes, e a relação contextual atestada com outros materiais, com cronologias bem afinadas, serão aqui exploradas, com vista a compreender aspectos relativos às dinâmicas de ocupação do Castro em período tardio. Em paralelo, serão igualmente avançadas propostas de interpretação para as ocorrências documentadas, à luz dos novos dados contextualizados e do cotejamento com outras materialidades congêneres previamente recuperadas.

**Palavras-chave:** *dolia*; Antiguidade Tardia; Castro de Guifões; Projecto GUIFARQ.

## **1. INTRODUÇÃO**

A conservação e armazenagem dos bens alimentares configuravam aspecto essencial da vida da Antiguidade. Para as efectivar, as comunidades dispunham de uma ampla gama de contentores,

cerâmicos ou feitos de materiais perecíveis. Estes últimos, fundamentalmente destinados a uma utilização eminentemente temporária, são naturalmente difíceis de rastrear do ponto de vista arqueológico. Não obstante, surgem mencionados nas fontes escritas e representados na iconografia do período clássico, desta forma contribuindo para a composição de uma imagem mais completa do universo das materialidades associadas à armazenagem (SALIDO DOMÍNGUEZ 2017: p. 239).

Neste quadro, porém, os recipientes cerâmicos, como os *dolia*, ocupavam um lugar destacado, na medida em que garantiam possibilidades de conservação mais dilatada no tempo que a oferecida por outros recipientes, como os cestos ou os odres<sup>1</sup> (MORAIS 2013: p. 323; SALIDO DOMÍNGUEZ 2017: p. 239). Além do mais, o patamar de equilíbrio químico e físico da cerâmica enquanto material de suporte (RYE 1981: p. 9) e, conseqüentemente, o potencial de resistência que lhe é inerente – mesmo que truncado e, conseqüentemente, propiciador de uma visão parcelar das características morfo-tipológicas originais – afirma-se também crucial para o estudo arqueológico.

É certo, contudo, que no âmbito dos estudos cerâmicos que têm vindo a ser desenvolvidos e publicados, os *dolia* ocupam um espaço largamente marginal, sobretudo se comparado com os que são dedicados a outros tipos de formas e produções, como as anfóricas ou as correlativas a conjuntos mais requintados, nomeadamente, de *sigillatas* (SALIDO DOMÍNGUEZ 2017: p. 243). Trata-se de um panorama transversal a várias geografias, sendo que, também no caso português os trabalhos focados na temática assumem carácter globalmente residual, e basicamente adstrito a algumas estações dispersas por diferentes pontos do território (PEREIRA e MORAIS 2015: p. 35). Tal não invalida que todo um leque de questões de fundo, como as referentes aos sistemas de abastecimento de cereais e, conseqüentemente, aos mecanismos de produção, armazenagem e gestão dos referidos bens, dificilmente possam ser plenamente aferidos se não for concedida a devida atenção às materialidades que suportavam toda essa dinâmica (SALIDO DOMÍNGUEZ 2013: p. 131-132).

## 2. CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE OS *DOLIA*

Começamos por notar que a própria definição arqueológica de *dolia*, tipo de peça basilar para a armazenagem na Antiguidade, não está definitivamente fixada, nem se apresenta propriamente isenta de discussão<sup>2</sup>. Há, porém, algumas características matriciais a salientar a seu respeito: a dimensão avultada do corpo, e o facto de a parte mais larga da peça coincidir com o bojo. Em contrapartida, a capacidade passível de ser atingida era diversa, ainda que invariavelmente de grandes proporções<sup>3</sup>. Em consonância, as recolhas arqueológicas não apontam no sentido da existência de um modelo padrão de *dolium* em termos de tamanho (SALIDO DOMÍNGUEZ 2017: p. 240-241), o qual seria proporcionalmente correlativo da quantidade de produto a depositar no seu interior. Acresce notar, em paralelo, que as próprias referências textuais produzidas por autores antigos também não são necessariamente concordantes, quer a respeito das especificidades morfológicas que, por princípio, deveriam ser evidenciadas por estes contentores, quer acerca da capacidade que os mesmos deveriam abarcar (PEREIRA e MORAIS 2015: p. 34; SALIDO DOMÍNGUEZ 2017: p. 240-242).

---

1 Os odres proporcionavam, em contrapartida, evidentes vantagens em termos de transporte, conforme comprovado no território da Bética, onde a circulação do azeite entre as áreas produtivas interiores e as faixas ribeirinhas do Genil e do Guadalquivir era assumida precisamente através do recurso a este tipo de contentor (MORAIS 2013: p. 323).

2 Alguns autores, por exemplo, estabelecem uma diferenciação entre *dolia* e talhas (BÁEZ *et alii* 2016: p. 899), enquanto, para outros (MOREIRA 2010: p. 784; PEREIRA 2011: p. 75), os dois conceitos são sobreponíveis, na medida em que se reportam a realidades materiais equiparáveis.

3 Contentores de armazenamento de tamanho menos proeminente tendem a ser classificados como *doliola*. A sua utilização surge atestada no tempo de Augusto (MORAIS 2013: p. 311), e também na Antiguidade Tardia. Destaque-se como exemplo para esta cronologia o recipiente desvelado *in situ* na Boca do Rio (Budens, Algarve), num contexto atribuído aos finais do século IV / inícios do V. As análises efectuadas ao conteúdo da peça revelaram a presença de restos de peixe, mais concretamente, de escamas, dentes e espinhas (LANDI *et alii*, 2015: p. 237; OLIVEIRA *et alii* 2015: p. 203).

Ora, a grande dimensão destas peças constitui, precisamente, um dos argumentos para que sejam encaradas como resultado de um esforço de produção de âmbito essencialmente local ou regional, na medida em que a sua circulação suscitaria inevitáveis dificuldades. Neste sentido, parece plausível que os responsáveis pelo fabrico de tais contentores, ceramistas necessariamente hábeis e experientes, trabalhassem nas oficinas que abasteciam os assentamentos rurais ou, em alternativa, que laborassem de modo itinerante, produzindo os recipientes directamente nos locais onde deveriam ficar acondicionados (SALIDO DOMÍNGUEZ 2017: p. 246). Não obstante, o estudo de navios naufragados permitiu confirmar a presença de *dolia* como parte integrante das cargas (JÁRREGA DOMÍNGUEZ 2008: p. 61). Os primeiros achados em contexto submerso recuam aos anos 50 do século XX, e foram entendidos como testemunho de que estes recipientes eram usados como objecto de venda comercial, mesmo que em trajectos de considerável distância. Contudo, a descoberta do naufrágio de Diano Marina, em 1974, deitou por terra esta hipótese, ao permitir comprovar que os *dolia* podiam ser colocados na área baixa de carga de embarcações, precisamente para potenciar a conservação dos bens comerciados, designadamente, de vinho<sup>4</sup> (SALIDO DOMÍNGUEZ 2017: p. 244; p. 277). Ficava, assim, demonstrada, a sua utilização também como contentor de transporte (JÁRREGA DOMÍNGUEZ 2008: p. 61): um dado a reter, ainda que sem pretensões, naturalmente, a considerar uma generalização da mencionada prática, para a qual não existem evidências arqueológicas.

Relativamente às particularidades formais evidenciadas por estas peças, realça-se o facto de poderem variar em função da natureza do produto a verter para o seu interior, ou do tipo de deposição a que eram destinadas (enterradas ou não, ponto a que regressaremos adiante). Em paralelo, concede-se ênfase ao facto de a sua produção, necessariamente complexa, impor algumas condicionantes de base: desde logo, a concepção necessariamente manual para aquelas que iriam auferir de maior tamanho, na medida em que a utilização do torno se revelava incomportável em tais casos (SALIDO DOMÍNGUEZ 2017: p. 246). Era, pois, com base na modelação manual que se obtinham as morfologias que têm vindo a ser reconhecidas. E, a este respeito, aliás, impõe-se trazer novamente à colacção um dado previamente indicado, que se prende com a dimensão local e/ou regional imputada à generalidade das produções: uma circunstância que, inevitavelmente, acaba por condicionar o apuramento de tipologias de âmbito geral (SALIDO DOMÍNGUEZ 2017: 247). Acresce sublinhar, em paralelo, que a tipologia dificilmente poderá assumir-se como base sólida exclusiva para o apuramento de cronologias de referência para a cerâmica comum em geral, e para os grandes contentores em particular, na medida em que a longa perduração das formas e o carácter artesanal, não padronizado, das produções, inviabilizam tal propósito (PINTO, 1999: 44).

Além do mais, o número de centros produtores identificados não é propriamente expressivo. Veja-se como, no território actualmente português, são escassas as oficinas sinalizadas. No Vale Médio do Douro, por exemplo, a única que até ao momento foi classificada como tal<sup>5</sup> estará articulada com uma produção vitivinícola. Localizada na *pars rustica* da *villa* tardia de Rumansil I, em Murça do Douro, terá permanecido activa entre o século III e a primeira metade do IV (SILVINO e COIXÃO 2008: p. 633; p. 635; p. 641; PEREIRA e MORAIS 2015: p. 41-42), uma cronologia já avançada, face ao momento de criação das primeiras estruturas produtivas e de transformação relacionadas com o vinho naquela região (BÁEZ et alii 2016: p. 907).

Mas regressemos às características formais destes grandes contentores. Em grande parte das ocorrências arroladas, o bordo tende a apresentar-se espessado para o interior (SALIDO DOMÍNGUEZ

---

4 Reproduzindo a expressão de Salido Domínguez, estes verdadeiros “barcos cisterna”, essencialmente de tonelagem média, estão documentados sobretudo entre o período augustano e os meados do século II (SALIDO DOMÍNGUEZ 2017: 277).

5 Note-se, porém, que a produção da referida oficina, dotada de dois fornos, não era exclusivamente direccionada para os *dolia*, encontrando-se igualmente atestado o fabrico de cerâmicas finas, comuns, e ainda, de pesos de tear (SILVINO e COIXÃO 2008: 635).

2017: p. 241): um atributo recorrente, é certo, mas que não seria generalizado. Veremos adiante como, no caso dos *dolia* do Castro de Guifões, tal panorama denota algumas dissonâncias. Já os fundos são, em larga medida, planos. Mas também a este nível há excepções a apontar, como as referentes à presença de um ressalto direccionado para o exterior (SALIDO DOMÍNGUEZ 2017: p. 241).

Por princípio, e com vista à protecção dos bens colocados no seu interior, deveriam ser fechados: ou com uma tampa cerâmica adaptável à boca, que podia ou não possuir uma pega, e era vulgarmente chamada de *operculum* ou, em alternativa, por outro tipo de cobertura, que podia constar, por exemplo, de uma telha (SALIDO DOMÍNGUEZ 2017: p. 242). De qualquer modo, há um ponto a registar, e que se prende com a variabilidade de tampas referidas, variabilidade essa que podia decorrer das condições climáticas, ou da natureza do produto que se pretendia conservar: na Península Itálica, por exemplo, o fechamento dos *dolia* com vinho a fermentar podia ser concretizado com coberturas feitas de terracota, e por seu turno seladas com argila, gesso ou pez (BRUN 2003: p. 79). No entanto, e pese embora a diversidade de referências textuais, emanadas de autores como Catão, Plínio ou Varrão, relativas à utilização de tampas nos contentores de vinho, e também de azeite, a escassez de achados arqueológicos compatíveis com o quadro descrito impõe que se considere igualmente a possibilidade de outros materiais, como a madeira, poderem ter sido usados com a mesma intenção (SALIDO DOMÍNGUEZ 2017: p. 242). Tal, aliás, parece ser corroborado por algumas fontes iconográficas (consubstanciadas, designadamente, em baixos-relevos ou sarcófagos) identificadas em distintos pontos do Império (BRUN 2003: p. 79).

Um outro aspecto a destacar a propósito destes recipientes prende-se com a presença de inscrições impressas, ou de grafitos, nas suas paredes. Estes, maioritariamente gravados na sequência da cozedura, poderão em larga medida corresponder a marcas do produtor ou, em alternativa, a sinalizadores de propriedade (PEREIRA 2012: p. 171). Na verdade, e conforme acentuado por J. Salido Domínguez, o potencial produtivo, a par da capacidade de armazenagem de determinado assentamento configuravam também indicadores de riqueza e, conseqüentemente, de estatuto, do seu detentor. Contudo, e contrariamente ao sucedido para outros períodos temporais, a historiografia do mundo antigo e tardo-antiguidade nunca valorizou plenamente o significado deste aspecto em particular, concentrando-se sobretudo na classificação dos materiais tidos como nobres como meio para retirar ilações a respeito da prosperidade do proprietário (SALIDO DOMÍNGUEZ 2017: p. 243). Porém, o próprio facto de os *dolia* constarem de peças onerosas, e cuja produção, porque complexa e exigente do ponto de vista técnico, nunca poderia ser realizada de forma massiva, é claramente eloquente em si mesmo (SALIDO DOMÍNGUEZ 2017: p. 247), pelo que não deveria ser negligenciado.

Mas a colocação de inscrições podia destinar-se a outros fins, como o de fornecer indicação específica acerca do conteúdo e quantidade de produto depositado no *dolium*. É o que se verifica, por exemplo, com recipientes vinários exumados na villa Ciminata à Rossano, localizada na Península Itálica, e na villa de Molard, na Gallia (BRUN 2003: p. 65-66). Mas as ocorrências arroladas para o espaço abarcado pelo Império são inúmeras, independentemente do objectivo concreto que norteou a sua colocação, e que nem sempre é possível aferir com precisão. Já na *Hispania*, e em geografia bem mais próxima do Castro de Guifões, há diversos achados a mencionar. Sinalizamos o fragmento recuperado por Carlos Teixeira no Alto da Fonte do Milho (Régua), o qual exibia duas linhas incisivas (?), uma delas ondeada, abaixo das quais sobressaíam os caracteres (LF) (TEIXEIRA 1939: p. 131; p. 133; CORTEZ 1951: p. 54, fig. 9): marca idêntica à detectada noutras parcelas descobertas quer no já evocado sítio de Rumansil I, quer também no Zimbro II e no Prazo (PEREIRA e MORAIS 2015: p. 42). Ainda na Fonte do Milho, mas já no quadro das escavações que Russel Cortez ali levou a cabo nos finais dos anos 40, viriam a aparecer outros fragmentos com idêntica solução, variável apenas ao nível da especificidade dos elementos visíveis, caso de (AR [...]) ou (XI), esta última interpretada como epígrafe numeral (PEREIRA 2012: p. 171).

Relativamente às inscrições impressas, começamos por evocar a que se encontra patente no interior de uma espécie de moldura rectangular, com cantos arredondados, observável na parede de um *dolium* recuperado no Castro de Alvarelhos (Trofa). As letras visíveis (ARILI [...]) ou (APILI [...]), na leitura de Álvaro Moreira, corresponderão à marca identificativa de um centro produtor, para o qual não se conhecem paralelos no Noroeste da *Hispania* (Moreira, 2010: 799; estampa CLXXVI, n.º 85). De notar, porém, que um outro exemplar, de perfil ovóide, mais tardio, e onde se conjugam um grafito (com a configuração de um V invertido) e uma inscrição impressa (AII LU), foi igualmente exumado no sítio, mais concretamente, na chamada *Domus* da Colher de Prata (MOREIRA 2010: p. 784; 800; estampa CLXII, n.º 30). Bem mais a sul, merecem destaque os fragmentos do Monte da Salsa (Serpa) providos da inscrição (+ ECLESIESCEMARIE / LACANTENSIA AGRIPPI). Os primeiros de que há notícia, quatro no total, foram dados a conhecer por Abel Viana, sendo que um viria a ser republicado posteriormente por Fernando de Almeida, muito embora sem qualquer alusão ao local do achamento, apenas à sua integração numa colecção privada<sup>6</sup> (VIANA [1955] 2008: p. 240-241; est. IV, 48; ALMEIDA 1962: est. LII, fig. 301; FABIÃO 2020: p. 454; p. 468, Fig. 1). Já em estudo mais recente dedicado à villa, voltou a referir-se a existência de vários recipientes de armazenamento dotados da mesma inscrição sem, contudo, especificar o seu número. Independentemente, porém, da ausência de tal indicação concreta, a presença da epígrafe foi, na esteira do previamente avançado por Abel Viana, interpretada como sugestiva da “cristianização” da villa (LARRAZABAL GALARZA 2013: p. 138). De notar, porém, que duas inscrições rigorosamente idênticas foram igualmente descobertas na Herdade de S. Cristóvão, nas proximidades de Moura, apontada como eventual espaço de produção dos grandes contentores a que as mesmas pertenciam. E, em paralelo, a inscrição foi perspectivada como indício da existência de uma igreja paleocristã, de invocação a Santa Maria, no entorno, algures entre a mencionada Herdade e a freguesia de Brinches (WOLFRAM 2011: p. 43; p. 195; p. 198).

Mas retornemos aos *dolia*. Naturalmente, surgem documentados em áreas de produção e/ou armazenagem<sup>7</sup>. Quando identificados *in situ*, podem surgir colocados em estruturas em negativo escavadas no substrato, sendo que, nestes casos, são designados como *dolia* defossa (SALIDO DOMÍNGUEZ 2017: p. 262; BÁEZ *et alii* 2016: p. 906). Tal posicionamento garantia aos contentores de maior tamanho estabilidade física e, em paralelo, a frescura do subsolo, fundamental para efeitos de preservação dos bens colocados no seu interior. Registe-se, aliás, que as vantagens da deposição de mosto neste tipo de recipiente, sobretudo se devidamente enterrado<sup>8</sup>, foram sobejamente reconhecidas no mundo antigo. Com efeito, a conjugação destas duas condições propiciava a conservação do mosto a baixa temperatura, passível de facilitar o processo de vinificação e, conseqüentemente, de tornar o vinho melhor e mais estável. Não é de estranhar, portanto, que tal opção tenha sido reiteradamente adoptada, sobretudo em territórios mais quentes, como os que bordejam a bacia do Mediterrâneo (BRUN 2003: p. 66).

Quanto ao tipo de sítio com presença de *dolia* na Antiguidade Tardia, são amplas e diferenciadas as situações arroladas. De qualquer modo, interessa-nos destacar aqui os achados que remetem para velhos castros, ou para *villae* romanas com ocupação activa durante o referido período.

---

6 Acerca do contexto de detecção, escreve Abel Viana: “[...] Estes potes estavam enterrados a 1m70 ou 1m80 de profundidade (camada de terra por cima da boca dos mesmos) e tinham cerca de dois metros de altura. Cada pote mostrava, um pouco abaixo do colo, a referida inscrição, obtida por carimbagem [...]. Havia mais três fragmentos com iguais legendas. Um deles tinha mais de um metro de altura [...]. O caseiro deu-os a várias pessoas. [...]” (VIANA [1955] 2008: p. 241).

7 Deixa-se, porém, uma breve referência adicional a uma possibilidade dissonante de utilização para este tipo de contentor. Refere-se à colocação destes *dolia fictilia* em espaços com vocação lúdica, nomeadamente, teatros, para efeitos acústicos: uma solução mencionada por Vitruvius mas, até ao momento, sem corroboração arqueológica (PEREIRA & MORAIS 2015: 33; SALIDO DOMÍNGUEZ 2017: p. 280).

8 A alternativa, no que ao vinho diz respeito, passaria pela disposição dos *dolia* numa construção subterrânea, a chamada *cella vinaria*: um tipo de dispositivo claramente identificado em diversos sítios, caso do Alto da Fonte do Milho (PEREIRA 2012: p. 170), da Quinta de Crestelos (BÁEZ *et alii* 2016: p. 906-907) ou da villa de Vale do Mouro (PEREIRA 2011: 78), apenas para citar alguns exemplos inscritos no actual território interior norte português.

Como exemplo relativo ao primeiro dos tipos evocados, foi já mencionado o Castro de Alvarelhos, o qual, à semelhança do de Guifões, possui uma considerável diacronia. Em consonância, permitiu a exumação de fragmentos enquadráveis em diferentes momentos da sua existência enquanto assentamento (MOREIRA 2010: p. 576; p. 799-800).

Já relativamente às *villae*, a representatividade de achados afigura-se marcadamente mais substancial, uma circunstância alinhada com a própria vocação inerente a tais espaços. Atentemos apenas, e como exemplo, novamente, no Alto da Fonte do Milho. As escavações que Fernando Russel Cortez iniciou em 1947, e que lhe permitiram estimar a continuidade da vida no sítio até ao século V, ou mesmo VI d.C. (CORTEZ 1951: p. 53; p. 55), saldaram-se na exumação de um conjunto cerâmico do qual viriam a ser posteriormente estudados 949 fragmentos: 817 pertencentes a recipientes destinados ao armazenamento ou transporte, e 88 a formas classificadas como comuns, nomeadamente, de cozinha. Ressalve-se, contudo, e conforme apontado por Pedro Pereira, autor do estudo citado, que tais números concernem ao resultado de uma recolha certamente selectiva: tendencialmente focada numa forma, num espaço concreto – a *cella* vinaria<sup>9</sup> e entorno – ou decorrente de particularismos inerentes às intervenções (PEREIRA 2012: p. 170). A quantidade de *dolia* seria, ainda assim, eloquente, e abriu espaço para explorar uma série de aspectos relacionados com o fabrico dos contentores e com os usos que o sítio lhes votou. Atentemos agora no Castro de Guifões.

### 3. OS CONTEXTOS DE RECOLHA

**3.1.** Importa começar por explicar que os achados de *dolia* tardios no Castro de Guifões (Fig. 1) extravasam o âmbito específico do presente estudo, articulado com o PIPA (Projecto de Investigação Plurianual em Arqueologia) GUIFARQ (AREZES e VARELA, 2017a; AREZES, 2019). Com efeito, há um conjunto de ocorrências prévias documentadas: parte das quais, porém, sem contexto estratigráfico conhecido. Nas reservas do Gabinete de Arqueologia e História da Câmara Municipal de Matosinhos são vários os caixotes de materiais onde se avolumam recolhas concretizadas por Joaquim Neves dos Santos (SANTOS 1955) em diversos pontos do sítio, e correlativas das várias fases de ocupação do assentamento. A par das cerâmicas de mesa e cozinha, sobressaem também fragmentos de considerável espessura, pertencentes a paredes de contentores de armazenamento de grande dimensão. Não obstante, é igualmente possível observar alguns bordos, o que nos levou a seleccionar dois deles, de forma a proporcionar uma imagem, ainda que claramente parcelar, dessas materialidades. O primeiro (Fig. 5 e 6) concerne a um fragmento esvasado, com lábio saliente e espessado para o exterior. Comporta ainda parte do colo, reentrante, e o arranque da parede. Já o segundo (Fig. 7) é claramente diferenciável dos demais, em razão da combinação de ornatos puncionados e estampilhados que ostenta. Este segundo tipo de decoração, feito com uma matriz ou carimbo, está, porém, atestada noutros contentores enquadráveis no Baixo Império ou Antiguidade Tardia, nomeadamente em exemplares do tipo BI-2, definido a partir de achados efectuados na Quinta de Crestelos (Torre de Moncorvo), concretamente, em contextos globalmente atribuídos aos séculos IV e V. Contudo, e considerando as características dos materiais exumados em correlação estratigráfica com alguns destes fragmentos, coloca-se a hipótese de parte deles poderem, eventualmente, atingir a VI centúria (BÁEZ *et alii* 2016: p. 904-905). De notar, em paralelo, que noutros pontos do território peninsular foram igualmente recuperados *dolia* providos de decoração estampilhada análoga: a título de exemplo, veja-se o caso do recipiente detectado no povoado de El Castellón, Zamora, datável do século V (SASTRE BLANCO *et alii* 2018: p. 388; p. 391, lâmina IV, 34).

---

<sup>9</sup> De notar que, segundo R. Cortez, o sítio seria também dotado de uma *cella olearia*, hipótese para a qual contribuíram os resultados das análises químicas realizadas ao “inducto” negro que recobria internamente as paredes de alguns dos fragmentos de grandes recipientes exumados, e que conteria “[...] restos de borra de azeite fossilizada [...]” (CORTEZ 1951: p. 58-59).

Já numa etapa mais avançada dos estudos dedicados ao Castro, marcada pelas escavações científicas impulsionadas pela Câmara Municipal de Matosinhos<sup>10</sup>, que foram levadas a cabo numa plataforma localizada na vertente Oeste do sítio, exumaram-se novos e abundantes fragmentos, desta feita devidamente correlacionáveis com unidades estratigráficas bem delineadas. No conjunto recuperado avultavam os que foram identificados sob a [UE-810], correspondente ao denso derrube de um muro: figuravam ainda *in situ*, e em associação com um movente de configuração circular, circunstância que poderá justificar a classificação da peça a que pertenciam como um *dolium frumentarium*, ou seja, destinado a cereais. A quantidade de parcelas e o posicionamento em que foram colocadas a descoberto favoreceu a concretização do processo de conservação e restauro do recipiente (Fig. 8), com uma cronologia estimada entre a segunda metade do século IV e a primeira da centúria subsequente (VARELA 2015a: p. 31; p. 48; VARELA 2015b: p. 25; p. 41; VARELA 2019: p. 15-16). De notar que o contentor reconstituído, a par dos demais fragmentos, foram alvo de abordagem num outro texto, especificamente dedicado aos *dolia* do Castro de Guifões. Neste, avançou-se uma proposta de integração tipológica, que subdividiu o acervo de 794 parcelas por seis tipos, articulados com os contextos de recolha<sup>11</sup> (LIMA e PEREIRA 2014: p. 126-127). É de realçar, contudo, que as afinidades com os fragmentos procedentes do Campo da Ponte<sup>12</sup> são parcas, quer no que se reporta aos perfis, quer às soluções decorativas identificadas<sup>13</sup>. Uma circunstância potencialmente justificável pelo facto de o estudo em causa incluir elementos enquadráveis em diferentes períodos da vida do assentamento.

**3.2.** Concentremo-nos agora no conjunto de 227 fragmentos de *dolia* recuperados em posição secundária, em quatro das unidades estratigráficas registadas na campanha de 2016, a primeira a ser efectuada ao abrigo do PIPA GUIFARQ - Projecto de Investigação Arqueológica do Castro de Guifões, na área aplanada localizada na base do sítio, bem próxima do rio Leça (Fig. 2). Convém explicitar, porém, que a esmagadora maioria dos materiais estudados procede de um depósito em particular, [19] (Fig. 3). Não obstante, também em [08], [17] e [21] (Fig. 4) se recuperaram alguns fragmentos<sup>14</sup>. Considerando a primeira das unidades evocadas, [19], é importante assinalar que, em paralelo aos *dolia*, proporcionou igualmente a recolha de amplo acervo de cerâmica doméstica, destinada ao uso culinário e de mesa<sup>15</sup> (AREZES e VARELA, 2017b: p. 18). Neste último âmbito, merecem destaque, pelo seu potencial datante, os quatro fragmentos de *sigillata* Clara D exumados e, em particular, o de um prato decorado com uma sequência de linhas convergentes em forma de V, preenchidas com traços diagonais (Fig. 9). Trata-se de uma decoração do tipo 75 q do estilo A de Hayes, atribuído à primeira metade do século V, e correlacionável com a Forma 67, cuja produção se iniciou nos finais da IV centúria (HAYES 1972: p. 115-16; p. 242-243). Importa ainda sinalizar que, além dos fragmentos de Clara D, foi possível identificar outra produção norte-africana, muito prova-

---

10 A primeira fase dos trabalhos decorreu entre 1993 e 1999, e a segunda, entre 2009 e 2010 (VARELA 2015a; VARELA 2015b).

11 O tipo classificado como IV abarca os fragmentos encontrados sob o nível de derrube já mencionado, listado como [UE-810] (LIMA e PEREIRA 2014: p. 127).

12 Esta designação remete para o terreno aplanado localizado no sopé do Castro de Guifões, onde se desenvolvem as escavações arqueológicas realizadas no âmbito do Projecto GUIFARQ (AREZES 2019; AREZES e VARELA 2017a).

13 A única correspondência evidente que sinalizamos, concretamente, com o tipo I (LIMA e PEREIRA 2014: p. 127), ou eventualmente, com o XV, definido em artigo posterior (PEREIRA e MORAIS 2015: p. 40), radica no exemplar acima referido, exumado por Joaquim Neves dos Santos, mas sem contexto estratigráfico conhecido (Fig. 5 e 6). Aliás, os diâmetros estimados, na ordem dos 700 (LIMA e PEREIRA 2014: p. 129) ou 780 mm, são também razoavelmente compatíveis.

14 As quatro unidades possuíam como denominador comum a implantação na zona nascente da escavação, coincidente com a faixa onde se preservaram os estratos da Antiguidade Tardia.

15 Acrescente-se também a detecção de dois elementos de moinho, um movente e de um dormente (AREZES e VARELA 2017b: p. 18): uma conjugação de materiais que encontra analogias com a revelada pela [UE-810] (VARELA 2019: p. 15-16).

velmente oriunda de centro produtor do sul de Bizacena, actual Tunísia: parte do bordo, colo (provido de grafito cruciforme), arranque de asa e bojo de uma ânfora tipo Keay 59 (Fig. 10), possivelmente destinada à contenção de azeite (BONIFAY 2004: p. 481), e duas asas, igualmente pertencentes a um contentor de transporte, ainda que de forma não diagnóstica, e de menor dimensão. Ainda assim, as características da pasta, de cor vermelha clara (MUNSELL 1994: 2.5 YR 6/8) e a presença da película clara resultante da acumulação de sais marinhos evidencia nítidas similitudes com a parcela de ânfora supramencionada, enquadrável entre os finais do século IV e a primeira metade do V (BONIFAY 2004: p. 132).

Em conformidade com o que tem vindo a ser demonstrado no âmbito de trabalhos arqueológicos mais recentes, foi ampla a quantidade de produtos africanos que continuou a ser distribuída no Mediterrâneo Ocidental ao longo da Antiguidade Tardia, facto que coloca em evidência a manutenção de uma tradição activa desde o século I (JÁRREGA DOMÍNGUEZ 2008: p. 62). Aliás, é significativo sublinhar que tais exportações se prolongaram no tempo até ao século VII (BONIFAY 2004: p. 481). No Castro de Guifões não dispomos, contudo, de dados contextualizados que nos permitam rastrear perduração congénere até à referida centúria.

No que concerne às restantes unidades, [08], [17] e [21], o pendor global das recolhas mostrou-se marcadamente circunscrito, do ponto de vista da procedência dos materiais. Em cada uma delas foram recuperadas formas de mesa, cozinha e armazenamento, mas não foi possível reconhecer produções diferenciadas às quais imputar, com segurança, uma origem que extravase o domínio local ou regional, ou uma classificação que não se coadune com a de cerâmica comum. Mas no que aos *dolia* exumados diz respeito, as características das pastas, opções decorativas, a par dos próprios perfis que se revelou possível delinear, patentearam um patamar de claras afinidades, que nos permitiram encontrar uma coerência global para o conjunto.

#### 4. FABRICOS, MORFOLOGIAS E ACABAMENTOS

Neste ponto, começamos por apresentar os dados resultantes das análises arqueométricas efectuadas pelo Professor Doutor Fernando Castro no Laboratório de Análises Químicas da TecMiinho (Universidade do Minho, Pólo de Azurém). A amostra estudada comportava um total de 15 fragmentos de cerâmica comum: essencialmente de cozinha, mas também de armazenamento<sup>16</sup>. Incluídos neste último âmbito, havia três fragmentos de *dolia* recolhidos no depósito [19], respectivamente correspondentes às amostras 1, 2 e 5 (Fig. 33). Os resultados obtidos permitiram determinar probabilidades de pertença, que revelaram proximidades entre duas das amostras (2 e 5<sup>17</sup>) com dois dos grupos sinalizados nas bases de dados do Laboratório. Constatou-se que a amostra 2 denotava similitudes com o grupo designado Infante 4, o qual comporta cerâmicas originárias da zona do Prado ou, eventualmente, do entorno de Tibães ou de outros pontos de Braga<sup>18</sup>. Por seu turno, foi possível correlacionar a amostra 5 com o grupo Infante 28<sup>19</sup>, concernente a um pequeno conjunto, ao qual tinham já sido reconhecidas semelhanças com os barros de Coimbrões

---

<sup>16</sup> Quatro das amostras remetidas não puderam ser sujeitas a análise, por não possuírem dimensão suficiente. Uma delas constava um fragmento de cerâmica comum fina.

<sup>17</sup> A amostra 1 não se mostrou compatível com nenhum dos grupos formados a partir das amostras do Castro de Guifões, nem tão pouco com os que se encontram definidos nas bases de dados do Laboratório.

<sup>18</sup> Estudos prévios demonstraram que os barreiros da área do Prado/Ucha, implantados a cerca de 14 km de *Bracara Augusta*, constituíram base crucial de exploração de argila, direccionada quer para a produção de cerâmica comum fina, quer para o fabrico de comum grosseira (DELGADO e MORAIS 2009: p. 71; 81).

<sup>19</sup> As denominações em causa decorrem da procedência das amostras que permitiram individualizar os dois grupos mencionados, Infante 4 e Infante 28, a partir de recolhas concretizadas no quadro das escavações levadas a cabo na Casa do Infante, Porto.

(Vila-Nova-de-Gaia)<sup>20</sup>. Todavia, a realização das análises químicas revelou uma proximidade ainda mais evidente entre os fragmentos integrados no grupo Infante 28 e os procedentes do Castro de Guifões (CASTRO 2020: p. 1-3).

Ora, ainda que os resultados em causa derivem de uma amostra restrita, face à globalidade das recolhas, não deixam de nos alertar para alguns aspectos interessantes. Por um lado, para o facto de a dinâmica de transporte se encontrar subjacente à produção de algumas das peças tardias detectadas na área do Campo da Ponte: não necessariamente dos contentores propriamente ditos, mas pelo menos dos barros que permitiram constituí-los. Por outro, e no que concerne à amostra 1, para a qual, conforme previamente explicitado, não foi encontrada qualquer correspondência, há que colocar a hipótese de o seu fabrico dever ser perspectivado não à luz de um âmbito estritamente local ou regional, mas de uma esfera espacial mais ampla.

Considerando agora a caracterização decorrente da observação macroscópica, podemos afirmar que os fragmentos de *dolia* recuperados resultam, fundamentalmente, de processos de cozedura oxidante, muito embora nem sempre rigorosamente homogénea. A paleta cromática evidenciada pelas pastas é, por conseguinte, pouco variada, oscilando entre o rosado (MUNSELL 1994: 5YR 7/4 e 8.4), o vermelho, vermelho claro ou amarelo avermelhado (MUNSELL 1994: 2.5YR 4/6 e 6/8; 5YR 7/6) e o avermelhado amarelado (MUNSELL 1994: 5YR 5/8). Em contrapartida, o grau de depuração exibido é variável: nalguns casos, razoável; noutras, porém, o fabrico mostra-se manifestamente grosseiro, sendo evidentes as abundantes inclusões minerais, nomeadamente, de quartzo, com calibre reduzido a avultado<sup>21</sup> e, mais ocasionalmente, de pequenos nódulos com coloração cinzenta escura. Não obstante, importa acrescentar que as micas (brancas e pretas) marcam igualmente presença, a par dos desengordurantes plásticos, como a argila moída, ainda que, neste último caso, de modo menos sistemático. De qualquer modo, esta tendência dos *dolia* recolhidos no Castro de Guifões acaba por reflectir um traço partilhado pela generalidade dos contentores de dimensão avultada. Com efeito, a integração de grande quantidade de desengordurante nas pastas cerâmicas visava garantir a resistência das peças (SALIDO DOMÍNGUEZ 2017: p. 246).

Também as superfícies exteriores evidenciam marcada variabilidade. Parte substancial dos fragmentos parece não ter recebido tratamento. Em vários, aliás, as paredes surgem destituídas da mínima regularidade, apresentando uma textura sobremaneira rugosa, pautada por profusa quantidade de desengordurante em relevo: de tal forma que se coloca a hipótese de processos pós-deposicionais terem estado na origem do desaparecimento da capa superficial da cerâmica, deixando à vista faces profundamente degradadas e derruídas. Por seu turno, noutras parcelas, marcadamente residuais, é possível observar sinais de alisamento ou restos de aguada, eventualmente colocada com propósitos estéticos.

Já os fragmentos com decoração são parcos, sendo que a mesma se restringe, basicamente, à presença de cordões plásticos horizontais (Fig. 32), nalguns casos providos de impressões digitadas, tendencialmente colocados logo abaixo do bordo. Curiosamente, um dos ornatos mais recorrentes neste e noutras tipos de peça coevos, referente aos motivos ondulados, inscritos ou não numa moldura incisa – como observável num dos exemplares recolhidos por Carlos Teixeira na Fonte do Milho (Régua) (TEIXEIRA 1939: p. 131), ou em parcelas procedentes do sítio de Crestelos (BÁEZ *et alii* 2016: p. 906) – acaba por não surgir representado nos *dolia* analisados. De igual modo, também algumas das solu-

---

20 As primeiras referências documentais directas à produção oleira em Coimbrões remontam aos finais da Idade Média. Em paralelo, escavações arqueológicas levadas a cabo entre 1995 e 1999 permitiram aprofundar conhecimentos a respeito da produção artesanal de louça preta feita em soenga, para o período moderno e contemporâneo (RIBEIRO 2003: p. 9-10; p. 25). Contudo, há ainda lacunas a preencher relativamente ao aproveitamento arqueológico dos barreiros de Coimbrões para fabrico cerâmico em fases cronológicas mais recuadas.

21 Os cristais de quartzo integrados nas pastas possuem uma dimensão média que oscila entre os 5 e os 9 mm. Em alguns casos, porém, como o do fragmento n.º 98, recuperado na quadrícula 1 aquando da decapagem de [19], foi identificado um que ascendia a 1,6 cm.

ções patentes nos contentores exumados nas escavações de meia encosta no Castro de Guifões, caso da excisão (LIMA e PEREIRA 2014: p. 129), são omissas no universo de estudo em que nos focámos.

Os parcos bordos exumados permitem vislumbrar formas de perfil essencialmente aberto, distribuídas por um leque não muito variado de opções morfológicas, no quadro das quais se assinalam as seguintes predominâncias: bordos de inclinação rectilínea ou tendencialmente reentrante, com lábios de secção sub-triangular; e bordos esvasados, com lábios espessados para o exterior, de secção aproximadamente arredondada. E, a propósito da menção à escassez de bordos recuperados na área do Campo da Ponte, note-se que tal circunstância explica a dificuldade em proceder não apenas à integração e caracterização tipológica global dos fragmentos, mas igualmente ao cálculo genérico dos diâmetros auferidos pelas bocas. Ainda assim, é-nos possível avançar algumas estimativas e correlações: o bordo n.º 4, esvasado e com lábio espessado para o exterior, possuiria cerca de 460 mm de diâmetro (Fig. 11 e 12); os n.ºs 182, 183, com colagem, e 260, apesar de integrantes de um bordo igualmente esvasado, mas com perfil algo distinto, devido à tendência reentrante manifestada na zona do colo (Fig. 13 e 14), atingiriam o máximo de 580 mm. Um outro, n.º 144 (Fig. 15, 16 e 17), com colo igualmente reentrante, mas lábio inclinado para o interior, não ultrapassaria os 420 mm. Já o dos fragmentos n.º 217, 218 e 225 (Fig. 18 e 19), 222 (Fig. 20 e 21) e 250 (Fig. 22 e 23), todos pertencentes à mesma peça (ou a contentor congénere), decorada com cordão plástico com impressões digitadas, poderia ascender a 550 mm. O n.º 270 (Fig. 24 e 25), pese embora o facto de exibir decoração análoga, não iria além dos 440 mm. Por seu turno, o n.º 35 (Fig. 26 e 27), de dimensão mais reduzida, teria diâmetro limitado a 230 mm. Por contraponto, o n.º 83 (Fig. 28 e 29), alcançaria os 650 mm. Ou seja, a partir desta amostra, consegue perceber-se a existência de contentores de morfologia diferenciada, com aberturas de boca de tamanho variável, potencialmente articulada com usos igualmente diversificados.

Não obstante, devemos reiterar que estes dados constituem uma fracção mínima de evidências, face ao número total de fragmentos recuperados. Com efeito, e mesmo na camada [19], em que o número de parcelas de *dolia* se revelou substancial, ainda que menos avultado que o de cerâmica de cozinha<sup>22</sup> (AREZES e VARELA 2017b: p. 31), há que salientar que a esmagadora maioria das mesmas concerne a paredes. Em paralelo, é certo que as particularidades das pastas permitem aferir, por um lado, a existência de diversos contentores nos níveis escavados; por outro, a pertença de vários desses fragmentos à mesma peça. Contudo, as possibilidades de colagem são também limitadas, o que, adicionalmente, condiciona a reconstituição das formas.

Quanto às inscrições ou grafitos, importa lembrar que, no estudo levado a cabo por Conceição Lima [Sic - leia-se Pires] e Pedro Pereira, aponta-se a presença de grafitos como uma das singularidades do conjunto de *dolia* de Guifões. Com efeito, rastreamam-se 31 ocorrências, a maior parte das quais efectuada em fase de pré-cozedura, e referente a numerais ou caracteres alfabéticos (LIMA e PEREIRA 2014, p. 129). Contudo, e no âmbito dos materiais recuperados no Campo da Ponte, há apenas um fragmento em que a presença de um grafito foi equacionada como possibilidade. Contudo, o seu carácter pouco vincado não permite aferir uma conclusão assertiva a respeito da sua natureza, nem muito menos aventar se seria ou não compatível com uma marca de oleiro, ou com um propósito de reconhecimento do contentor: para efeitos de organização da armazenagem, ou da identificação do produto nele vertido.

Considerando, por fim, as superfícies internas, há que mencionar o facto de serem quantitativamente pouco representativas as que possuem revestimento de pez<sup>23</sup>, uma seiva viscosa aplicada

---

<sup>22</sup> A proporção é de 237 fragmentos de cerâmica comum, e 146 pertencentes a formas de armazenamento (AREZES e VARELA 2017b: p. 31).

<sup>23</sup> Convém realçar o facto de o pez, evocado neste texto a propósito da impermeabilização dos contentores, propriedade que, naturalmente, justificava a sua aplicação não apenas nos *dolia*, mas também em ânforas e barris de madeira, ter sido igualmente direccionado para outros usos: “[...] During the Roman period, pitch was used in the preparation of medicinal unguents; to season wines; for construction and lighting purposes; as a glue or incense, etc. [...]” (ORENGO *et alii* 2013: 2).

na sequência de forte aquecimento da peça, no que corporizava um processo delicado, que podia motivar a sua quebra (BRUN 2003: p. 68-69; SALIDO DOMÍNGUEZ 2017: 2017: 247). Todavia, e conforme sublinhado por Jean-Pierre Brun, a colocação desse revestimento, obtido mediante recolha de resinas de escorrência, ou da destilação dos ramos e agulhas de árvores resiníferas, era uma constante nos *dolia* destinados a conter vinho. Tendo como objectivo tornar estanque o receptáculo, sobretudo nos casos em que não era enterrado, o pez começava a ser colocado antes das colheitas, e era renovado a cada ano. E, independentemente do local de procedência e, conseqüentemente, da especificidade e qualidade da resina utilizada, os vinhos guardados em contentores revestidos acabavam, invariavelmente, por possuir um certo gosto a fumo, decorrente dos processos de aquecimento supramencionados (BRUN 2003: p. 67-68).

Ora, a parca ocorrência de fragmentos providos de pez no Campo da Ponte (Fig. 30 e 31) poderia levar a que se assumisse que, à partida, parte substancial dos *dolia* ali exumados não seria destinado à contenção de vinho, mas de outros tipos de produtos<sup>24</sup>. Impõe-se, contudo, ressaltar, que o suposto carácter directo desta ilação deverá ser perspectivado com cautela. Com efeito, há que registar a possibilidade de outros materiais, que não o pez, poderem ter sido usados para promover a impermeabilização das paredes. Aliás, conforme demonstrado por André Tchernia e Jean-Pierre Brun em estudo dedicado aos *dolia* vinários do Mediterrâneo, a cal poderia, excepcionalmente, servir esse propósito. Em contrapartida, nalguns casos, as próprias características da pasta dispensariam o acrescento da seiva viscosa, ou de vedante alternativo (TCHERNIA e BRUN 1999 *apud* PEREIRA 2012: p. 171). Neste sentido, e não dispondo ainda de dados concretos, nomeadamente, dos que vierem a resultar da concretização das análises de cromatografia já programadas, e que poderão contribuir para um outro nível de entendimento a respeito dos produtos que estiveram contidos (OLIVEIRA *et alii* 2015: p. 194) nos recipientes estudados, parece-nos mais prudente, de momento, encarar os *dolia* do Castro de Guifões como contentores potencialmente polifuncionais.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os *dolia* focados no presente estudo enformam um conjunto não homogéneo, ainda que pautado por evidente coerência. Foram reconhecidos diferentes fabricos, sendo que os mais depurados remetem para as peças decoradas ou que apresentam algum tipo de acabamento das superfícies exteriores: alisamento ou presença de aguada. Os mais grosseiros distinguem-se sobretudo em razão da inclusão abundante de desengordurantes, com prevalência dos não plásticos e, em especial, de micas e quartzo. Não obstante, é importante reiterar que os resultados das análises arqueométricas levadas a cabo facultaram a identificação de pelo menos três origens distintas para as pastas utilizadas na produção. Tal não nos permite, contudo, aferir se houve movimentação do material de base, para fabrico *in situ* ou aventar, em alternativa, se algum dos recipientes foi transportado a partir de oficina não rastreada, depois de finalizado.

Note-se, em paralelo, que os perfis que se revelou possível delinear são quantitativamente pouco expressivos quando confrontados com o total de fragmentos exumados. Ainda assim, permitiram traçar um quadro que, apesar de parcelar, é ilustrativo da presença de formas ligeiramente abertas, com bordos de inclinação variável: rectilínea, reentrante ou esvasada.

Também em termos cronológicos conseguimos determinar um enquadramento razoavelmente delimitado para o acervo recolhido, o qual se apresenta compreendido entre a segunda metade do século IV e as primeiras décadas do V. Com efeito, e a acrescentar às próprias características dos

---

<sup>24</sup> De acordo com as fontes escritas, os elementos mais recorrentemente depositados nestes recipientes eram o vinho, o azeite e o trigo. Tal não invalida, porém, que outros bens fossem igualmente guardados no seu interior, nomeadamente, no quadro de utilizações secundárias (SALIDO DOMÍNGUEZ 2017: p. 257).

contentores estudados, pudemos também apoiar-nos nas propostas de integração temporal avançadas para outras produções, nomeadamente, para as de origem africana, que conviveram estrategicamente com os *dolia* exumados. Em conformidade, é de sublinhar a considerável vitalidade, de âmbito comercial e produtivo, que pulsava ainda no Campo da Ponte no mencionado período. Em sequência, porém, esta deverá decaído, até culminar no provável abandono da área em questão.

O tempo era de transformação, mas não apenas no Castro de Guifões. Com o avanço da cronologia, um outro modelo de paisagem ganhou forma, e novas estratégias de produção começaram a ser privilegiadas, influenciando sobre a natureza das estruturas construídas e condicionando as formas de ocupação do espaço. E, sendo certo que a utilização de *dolia* no quadro da Antiguidade Tardia, e na esteira do que sucedeu desde a afirmação do Império, surgia atestada em diversos sítios conectados com dinâmicas produtivas, é igualmente incontornável que esta realidade material tendeu, paulatinamente, a perder fôlego. O que não invalida que outros recipientes de grande tamanho tenham continuado a ser fabricados, e a encontrar um lugar crucial na orgânica económica das comunidades.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Professor Doutor Fernando Castro a disponibilidade para realização das análises arqueométricas às amostras cerâmicas recolhidas no Campo da Ponte de Guifões e, ao Rui Gonçalves, a paciente e dedicada realização dos desenhos dos materiais que ilustram este texto.

## BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Fernando (1962), Arte Visigótica em Portugal, *O Arqueólogo Português*, Nova Série, IV, Lisboa, Museu Etnográfico Português
- AREZES, Andreia (2019), Castro de Guifões: evidências de uma ocupação diacrónica, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 22, Lisboa, Direcção Geral do Património Cultural, pp. 183-191
- AREZES, Andreia; VARELA, José (2017a), Castro de Guifões (Matosinhos) - das primeiras notícias aos resultados preliminares de um Projecto de Investigação, in ARNAUD, J. Morais & MARTINS, Andrea (Coord. de), *Actas do II Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses. Arqueologia em Portugal. 2017 - O Estado da questão*, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 125-136
- AREZES, Andreia; VARELA, José (2017b), *Relatório de progresso anual: GUIFARQ - Projecto de Investigação Arqueológica de Guifões: Castro do Monte Castelo de Guifões (Matosinhos) - Campanha de 2016, Porto - Janeiro de 2017*. Porto, texto policopiado
- BÁEZ, Beatriz; BATALHA, Luísa; CARVALHO, Liliana; GARCÍA VILLANUEVA, Isabel; LARRAZABAL, Javier; ROSSELLÓ, Miquel; SANTOS, Constança (2016), Recipientes de armazenamento no vale do Baixo Sabor (Portugal), da época romana à antiguidade tardia. Ensaio cronotipológico, in JÁRREGA, Ramon; BERNI, Piero (Coord. de), *Amphorae ex Hispania: paisagjes de producció y consumo*, III Congreso Internacional de la Sociedade de Estudios de la Cerámica Antigua (SECAH) - Ex Officina Hispana, Tarragona, Institut Català d'Arqueologia Clàssica, pp. 898-917
- BONIFAY, Michel (2004), *Études sur la céramique romaine tardive d'Afrique*, Oxford, BAR International Series, 1301
- BRUN, Jean-Pierre (2003), *La vin et l'huile dans la Méditerranée antique*, Paris, Éditions Errance
- CASTRO, Fernando (2020), *Análises químicas de amostras cerâmicas do Castro de Guifões*,

Matosinhos, Braga, Universidade do Minho, Texto policopiado.

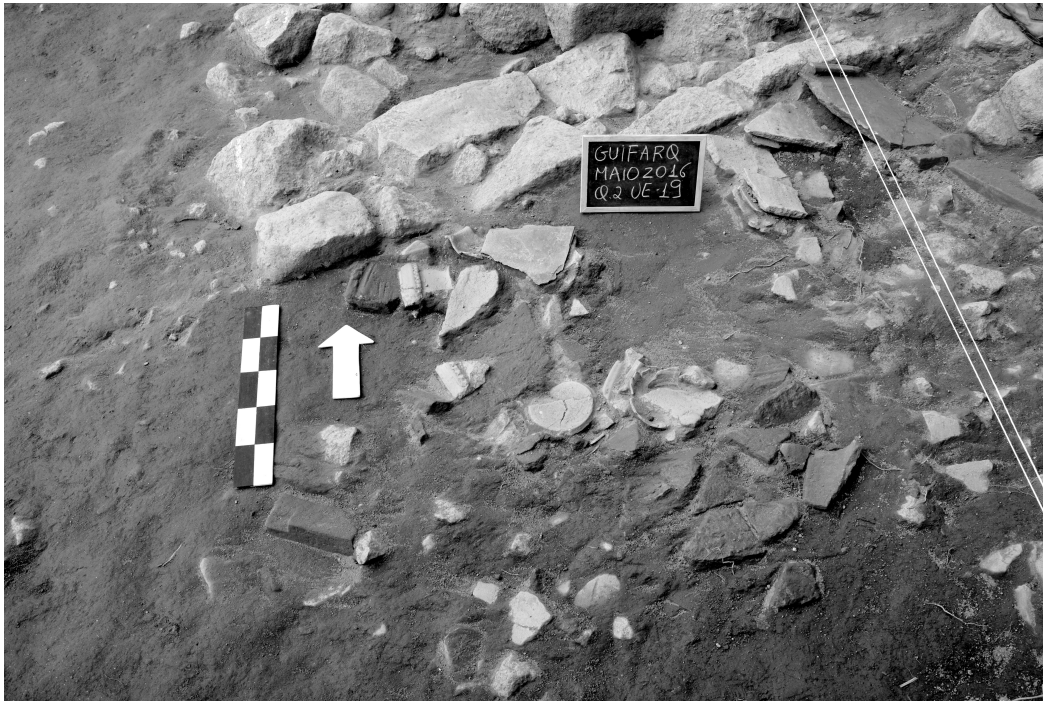
- CORTEZ, Fernando Russell (1951), As escavações arqueológicas do «Castellum» da Fonte do Milho. Contributo para a Demogenia Duriense, Separata dos *Anais do Instituto do Vinho do Porto*, 1.º volume
- DELGADO, Manuela; MORAIS, Rui (2009), *Guia das cerâmicas de produção local e regional de Bracara Augusta*, Braga, CITCEM
- FABIÃO, Carlos (2020), As *villae* romanas da Lusitânia Ocidental: velhos problemas e novas abordagens, in MARTÍNEZ, Rafael; NOGALES, Trinidad; e RODÀ, Isabel (Coord. de), *Actas del Congreso Internacional Las Villas Romanas Bajoimperiales de Hispania*, Palencia, Diputación Provincial de Palencia, pp. 451-470
- HAYES, J. W. (1972), *Late Roman Pottery*, London, The British School at Rome
- JÁRREGA DOMÍNGUEZ, R. (2008), Los estudios de cerámica romana en las zonas litorales de la Península Ibérica: un balance a inicios del siglo XXI, in BERNAL CASAOLA, D.; e RIBERA I LACOMBA, A. (Coord. de), *Cerámicas hispanorromanas. Un estudio de la cuestión, XXVI Congreso Internacional de la Asociación Rei Cretariae Romanae Fautores*, Cádiz, Universidad de Cádiz, pp. 49-81
- LANDI, Mónica; ARAÚJO, Alfredo; LOBO, Jorge; BERNARDES, João Pedro; MORAIS, Rui; FROUFE, Hugo; EGAS, Conceição; OLIVEIRA, César; COSTA, Filipe Oliveira (2015), Ancient DNA archaeological remains from the south of Portugal, in OLIVEIRA, César, MORAIS, Rui; e MORILLO Cerdán (Dir. de), *Chromatography and DNA analysis in archaeology*, Esposende, Câmara Municipal de Esposende, pp. 237-245
- LARRAZABAL GALARZA, Javier (2013), A villa romana do Monte da Salsa (Brinches, Serpa): uma aproximação à sua sequência ocupacional, in SILVA, António C.; REGALA, Frederico Tatá; e MARTINHO, Miguel (Coord. de), *Memórias d’Odiãna – 2ª Série, 4.º Colóquio de Arqueologia do Alqueva. O Plano de Rega (2002-2010)*, EDIA & DRCALEN, pp. 137-144
- LIMA, Conceição & PEREIRA, Pedro (2014), Os recipientes de tipo *Dolium* do Castro de Guifões (Guifões, Matosinhos): novos dados para o estudo da romanização de um castro marítimo, *Al-Madan* online, Série II, n.º 18, Tomo 2, Almada, Centro de Arqueologia de Almada, pp. 125-130
- MORAIS, Rui (2013), Um naufrágio bético, datado da época de Augusto, em Rio de Moinhos (Esposende, Norte de Portugal), in MORAIS, Rui; GRANJA, Helena; e MORILLO CERDÁN, Ángel (Coord. de), *O irado Mar Atlântico. O naufrágio bético augustano de Esposende (Norte de Portugal)*, Braga, CECH & CIIMAR, pp. 309-334
- MOREIRA, Álvaro (2010), *Castellum Madiae. Formação e desenvolvimento de um “aglomerado urbano secundário” no ordenamento do povoamento romano entre Leça e Ave*, Tesis Doctoral, Santiago de Compostela, Universidade de Santiago de Compostela
- MUNSELL (1994), *Munsell Soil Color Charts*, Baltimore, Munsell Color
- OLIVEIRA, César; MORAIS, Rui; ARAÚJO, Alfredo (2015), Application of gas chromatography coupled with mass spectrometry to the analysis of ceramic containers of Roman period. Evidence from the Peninsula Northwest, in OLIVEIRA, César; MORAIS, Rui; e MORILLO CERDÁN, Ángel (Dir. de), *Chromatography and DNA analysis in archaeology*, Esposende, Câmara Municipal de Esposende, pp. 193-213

- ORENGO, Hector A.; PALET, Josep M.; EJARQUE, Ana; MIRAS, Yannick; e RIERA, Santiago (2013), Pitch production during the Roman period: an intensive mountain industry for a globalised economy?, *Antiquity*, 87, Durham, Department of Archaeology, Durham University, pp. 1-13
- PEREIRA, Pedro (2011), Uma história de *dolia*. Uma primeira análise aos recipientes cerâmicos de armazenagem de Vale do Mouro (Coriscada, Meda), *CEM - Cultural, Espaço e Memória*, 2, Porto, CITCEM, pp. 75-82
- PEREIRA, Pedro (2012), Materiais esquecidos. O espólio cerâmico de armazenamento (*dolia*) do Alto da Fonte do Milho, Peso da Régua, *Al-Madan* online, Série II, n.º 17, Tomo 1, Almada, Centro de Arqueologia de Almada, pp. 170-172
- PEREIRA, Pedro; MORAIS, Rui (2015), Estudo crono-tipológico de *dolia* romanos em Portugal, in MARTÍNEZ SALCEDO, A.; ESTEBAN DELGADO, M.; e ALCORTA IRASTORZA, E. (Coord. de), *Cerámicas de época romana en el Norte de Hispania y en Aquitania, Producción, comercio y consumo entre el Duero y el Garona, Ex Officina Hispana. Cuadernos de la Secah*, Ediciones de la Ergástula, pp. 33-44
- PINTO, Maria Inês Correia de Barros Vaz (1999), *A cerâmica comum de São Cucufate*, Tese de Doutoramento na área de Pré-História e Arqueologia, Lisboa, Departamento de História da Universidade Lusíada
- RIBEIRO, Manuela (2003), *A olaria preta de Coimbrões (Vila Nova de Gaia). Estudo Arqueológico de um centro de produção cerâmica de época Moderna e Contemporânea*, Dissertação de Mestrado em Arqueologia, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto
- RYE, Oween S. (1981), *Pottery technology: principles and reconstruction*, Manual on Archaeology, Taraxacum
- SALIDO DOMÍNGUEZ, Javier (2013), El abastecimiento de grano a las ciudades hispanorromanas. Producción, almacenaje y gestión, *Archivo Español de Arqueología*, 86, Madrid, CSIC, pp. 131-148
- SALIDO DOMÍNGUEZ, Javier (2017), Los *dolia* em Hispania: caracterización, funcionalidad y tipología, in FERNÁNDEZ OCHOA, C.; MORILLO, Ángel; e ZARZALEJOS, Mar (Coord. de), *Manual de cerâmica romana III, Cursos de Formación Permanente para Arqueólogos*, Alcalá de Henares, Museo Arqueológico Regional, pp. 237-309
- SANTOS, Joaquim Neves dos (1955), *Guifões: Notas históricas, arqueológicas e etnográficas. Castrum Quiffiones*. 1.º Volume
- SASTRE BLANCO, José Carlos; CATALÁN RAMOS, Raúl; FUENTES MELGAR, Patricia; VÁZQUEZ FADÓN, Manuel; RODRÍGUEZ MONTERRUBIO, Óscar; e ÁLVAREZ RODRÍGUEZ, Alicia (2018), Producciones cerámicas en el poblado de El Castillón entre los siglos V–VI d.C., in MARTÍN VISO, Iñaki; FUENTES MELGAR, Patricia; SASTRE BLANCO, José Carlos; e CATALÁN RAMOS, Raúl (Coord. de), *Cerámicas Altomedievales en Hispania y su entorno (s. V-VIII d.C.)*, Zamora, Asociación Científico-Cultural Zamora Protohistórica, pp. 379-400
- SILVINO, Tony; COIXÃO, António do Nascimento Sá (2008), Rumansil I (Murça-do-Douro, Portugal): deux fours de potiers des IIIe-IVe S. dans la Vallée du Douro, *SFECAG - Actes du Congrès de l'Escala-Empúries*, Société Française d'Étude de la Céramique Antique en Gaule, pp. 633-642
- TEIXEIRA, Carlos (1939), Estação romana de Canelas (Poiães da Régua), *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, VIII, Porto, Imprensa Portuguesa, pp. 130-135

- VARELA, José (2015a), *Castro do Monte Castêlo, Guifões, Matosinhos. Trabalhos realizados entre 1993 e 1999. GUIF-1999, Relatório Final*, Matosinhos, Relatório Policopiado
- VARELA, José (2015b), *Relatório Final, Intervenção Arqueológica. Monte Castêlo – Castro de Guifões. Matosinhos 2009-2010*. Matosinhos, Relatório Policopiado
- VARELA, José (2019), *Dolium* proveniente do Castro do Monte Castêlo, *ARTEfactus*, 6, Matosinhos, Arqueologia e Património, pp. 15-19
- VIANA, Abel (2008 [1955]), Notas Históricas, Arqueológicas e Etnográficas do Baixo Alentejo, *Antologia de textos de Arqueologia in Arquivo de Beja, anos 1944-1962 (2.º volume)*, 2, Beja, Câmara Municipal de Beja, pp. 239-282
- WOLFRAM, Mélanie (2011), *Uma síntese sobre a Cristianização do mundo rural no sul da Lusitania. Arqueologia – Arquitectura – Epigrafia. Tese de Doutoramento em História, na especialidade de Arqueologia*, Lisboa, Departamento de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa



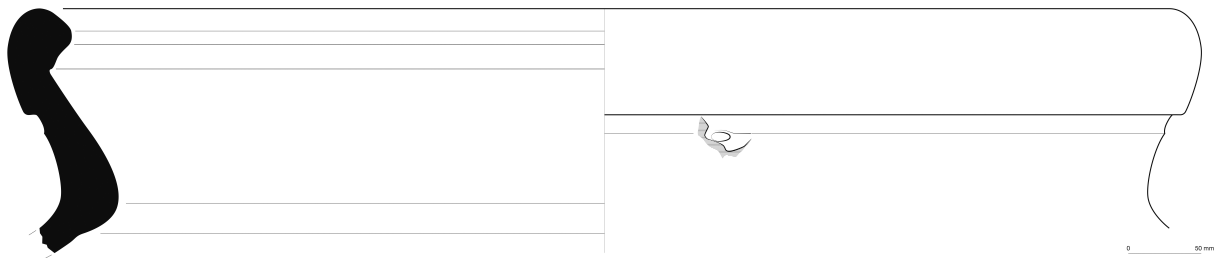




**Fig. 3:** Fotografia ilustrativa do topo da [19], nível com tonalidade alaranjada e ocasionais laivos mais escuros, acastanhados e acinzentados. Inclui grandes concentrações de material cerâmico de cozinha e armazenamento e, em paralelo, também lajes de xisto e alguns líticos.



**Fig. 4:** Imagem relativa a três unidades da área nascente da escavação. Na parte central, é observável [20], estrutura pétreo mal conservada, alinhada sensivelmente no sentido norte | sul. A poente é visível o depósito [19] e, a nascente, por seu turno, [21], nível com coloração cinzenta escura, sobre o qual se destacam algumas parcelas de *dolia*.



**Fig. 5 e 6:** Bordo de *dolium* com lábio espessado para o exterior, sem contexto estratigráfico conhecido, recolhido por Joaquim Neves dos Santos em ponto não identificado do Castro. Desenho de Rui Gonçalves.



**Fig. 7:** Fragmento esvasado de *dolium*, com decoração puncionada e estampilhada. Sem informação associada, sabe-se apenas que foi exumado por Joaquim Neves dos Santos na área abarcada pelo sítio.



**Fig. 8:** *Dolium* reconstituído a partir de um conjunto de parcelas identificadas *in situ*, no quadro das escavações levadas a cabo na encosta poente do Castro de Guifões. Patente no Museu da Memória de Matosinhos (MuMMA). Fotografia de José Manuel Varela.



**Fig. 9:** Fragmento de prato de *sigillata* africana Clara D pertencente a Forma 67 de Hayes. Apresenta-se decorado com uma sequência de linhas convergentes em forma de V.



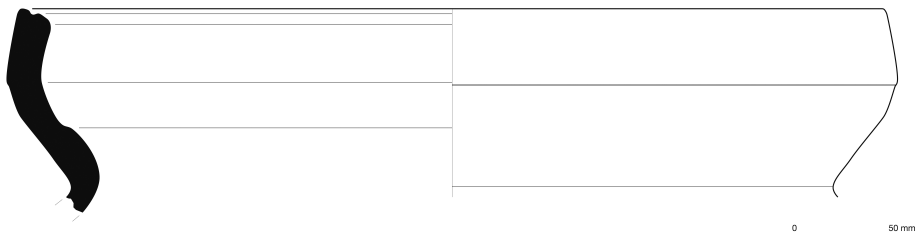
**Fig. 10:** Bordo, colo, arranque de bojo e de asa de ânfora africana tipo Keay 59, provida de grafito cruciforme no colo.



**Fig. 11 e 12:** Fragmento de bordo com lábio espessado para o exterior, recuperado aquando da escavação do derrube [08]. Desenho de Rui Gonçalves.

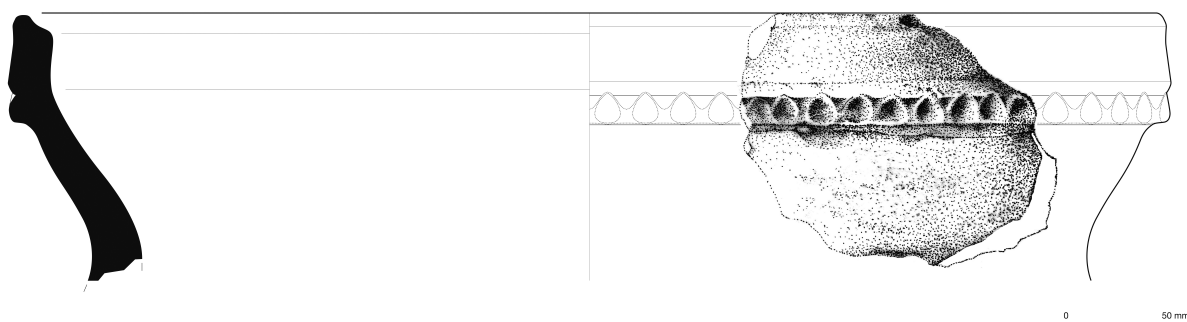


**Fig. 13 e 14:** Fragmentos com colagem de bordo esvasado, com lábio espessado para o exterior, procedentes do depósito [19]. Desenho de Rui Gonçalves.

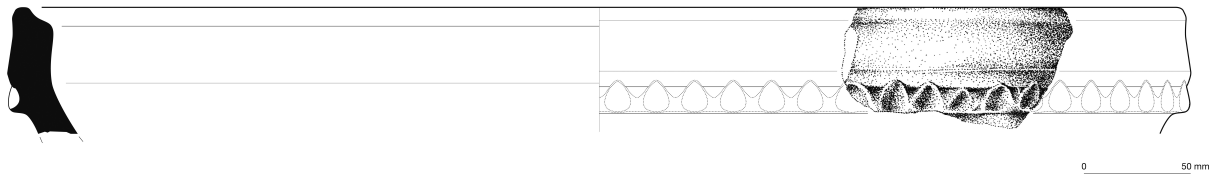


**Fig. 15, 16 e 17:** Dois fragmentos integrantes da mesma peça. Concernem a parte de um bordo, com colo reentrante, e a uma parcela de bojo, onde é possível perceber restos de aguada. Recolhidos na camada [21].

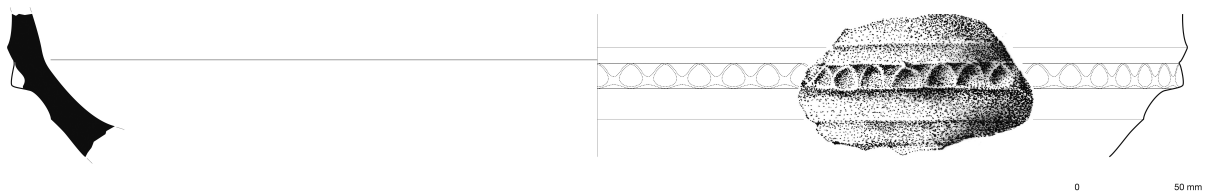
Desenho de Rui Gonçalves.



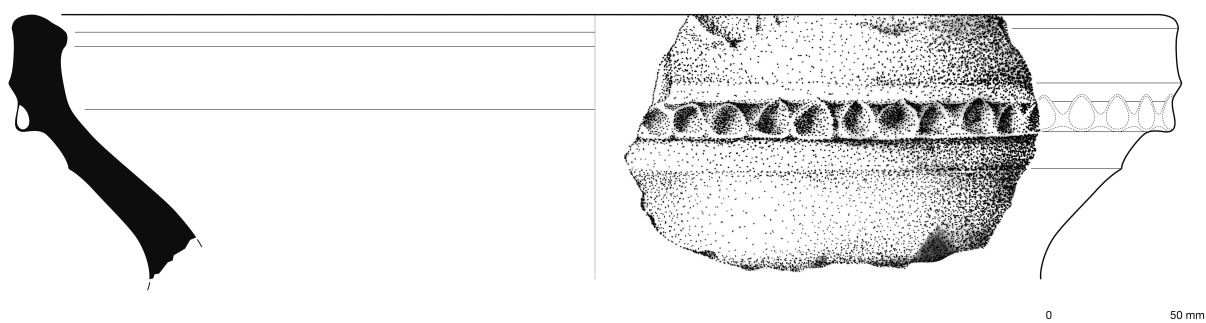
**Fig. 18 e 19:** Três fragmentos com colagem, recuperados na camada [19].  
Exibem cordão plástico com impressões digitadas.  
Desenho de Rui Gonçalves.



**Fig. 20 e 21:** Fragmento de bordo, decorado com cordão plástico provido de impressões digitadas, algo irregulares neste segmento da peça. Igualmente recolhido em [19].  
Desenho de Rui Gonçalves.



**Fig. 22 e 23:** Parcela com características idênticas às anteriores, procedente da camada [19].  
Diferencia-se, contudo, pelo facto de permitir a observação de aguada na superfície externa.  
Desenho de Rui Gonçalves.



**Fig. 24 e 25:** Fragmento de bordo com decoração similar, mas dotado de lábio arredondado, e perfil mais esvasado. Também recolhido no depósito [19].  
Desenho de Rui Gonçalves.



**Fig. 26 e 27:** Fragmento de bordo com lábio de secção triangular e tendência reentrante. Exibe aguada de cor ainda viva. Recuperado na camada [17], pertence ao contentor de menor dimensão no âmbito do conjunto estudado. Desenho de Rui Gonçalves.



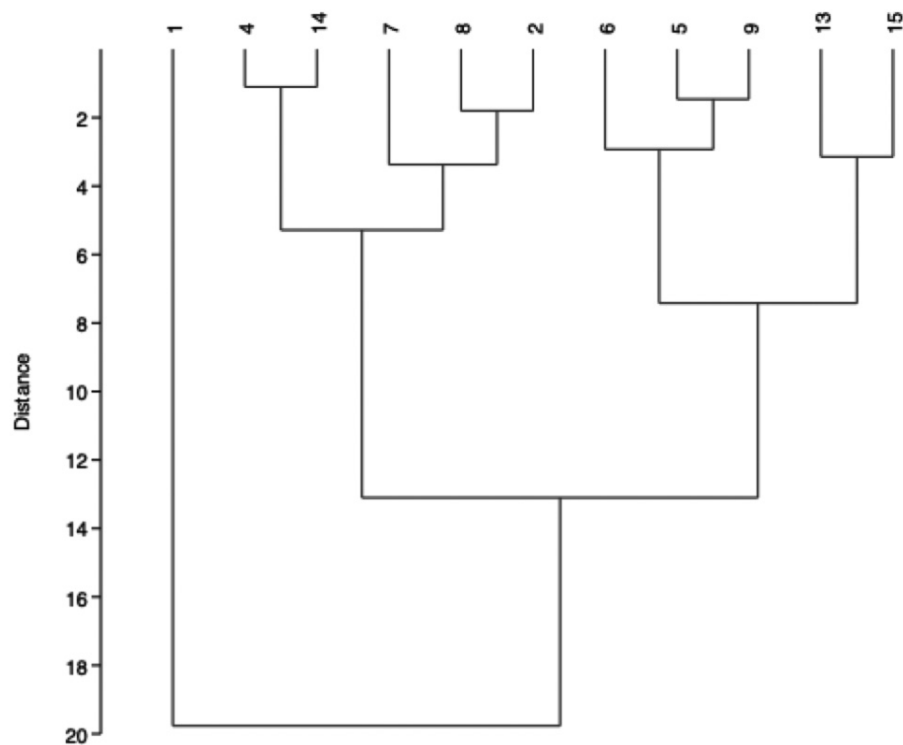
**Fig. 28 e 29:** Fragmento de bordo esvasado, com lábio espessado para o exterior. Exumado no nível [19]. Desenho de Rui Gonçalves.



**Fig. 30 e 31:** Fragmento de bordo rectilíneo. A superfície exterior apresenta textura rugosa, devido à considerável presença de desengordurantes, sobretudo não plásticos. Já a interior exhibe restos do revestimento de peixe que a recobria.



**Fig. 32:** Fragmento de parede com cordão plástico horizontal. Recolhido no depósito [17].



**Fig. 33:** Gráfico ilustrativo da distribuição das amostras sujeitas a análises arqueométricas por grupos (Castro, 2020). As referentes a contentores de armazenamento correspondiam à n.º 1, n.º 2 e n.º 5.

